

O PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA EM ARTES VISUAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL – RELAÇÕES ENTRE ESCOLA, UNIVERSIDADE E ESPAÇOS CULTURAIS

Isadora Gonçalves de Azevedo ¹
Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva ²

RESUMO

Apresentamos, neste relato, uma breve explanação acerca da atuação de cinco residentes do Programa de Residência Pedagógica – PRP/UEDESC/CAPES (Universidade do Estado de Santa Catarina – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), subprojeto Arte, na escola estadual de ensino fundamental em que a autora atua como professora de artes visuais e preceptora – Escola de Educação Básica Porto do Rio Tavares, em Florianópolis, Santa Catarina. O programa está orientado sob a perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica, de autoria do professor Demerval Saviani. O relato está centrado no segundo módulo do edital nº24/2022, que ocorreu entre março e agosto de 2023. Além das cinco propostas desenvolvidas em sala de aula, realizamos um conjunto de saídas de estudos envolvendo também as turmas que não estavam diretamente sob a atuação das licenciandas, no intuito de aproximar as relações estabelecidas entre escola e universidade, bem como com museus e espaços culturais da cidade. Destacamos a ampliação de repertório em arte e em educação de todos os envolvidos neste processo, desde os estudantes da educação básica, até os profissionais da escola e demais instituições participantes, das residentes e da professora preceptora.

Palavras-chave: Residência Pedagógica, Artes Visuais, Relações entre instituições, Pedagogia Histórico-Crítica, Ensino Fundamental.

INTRODUÇÃO

Este relato de experiência abarca o segundo módulo do Programa de Residência Pedagógica (PRP) – subprojeto Arte/artes visuais, desenvolvido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em parceria com a Universidade do Estado de Santa Catarina (UEDESC) e com a Escola de Educação Básica Porto do Rio Tavares, da rede estadual de educação básica de Santa Catarina. O Programa corresponde ao edital n. 24/2022 e iniciou em setembro de 2022, sendo dividido em três módulos de seis meses, com duração total de dezoito meses. O programa ocorre na escola em que a autora atua como

¹ Professora da rede estadual de educação básica de Santa Catarina. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina - SC, doraparte@gmail.com; Professora preceptora do Programa de Residência Pedagógica - CAPES, edital 24/2022.

² Professora da Universidade do Estado de Santa Catarina, cristinaudesc@gmail.com; coordenadora do Programa de Residência Pedagógica – CAPES, edital 24/2022.

professora de artes visuais, e está em sua segunda edição nesta instituição – a primeira ocorreu durante a pandemia por COVID-19, de modo que esta seja a primeira atuação presencial do programa na respectiva unidade.

O primeiro módulo ocorreu entre os meses de setembro de 2022 e março de 2023 e compreendeu um período de observação ativa, estudos teóricos, reuniões semanais, planejamentos de aulas e início da docência compartilhada entre as residentes e a professora preceptora. O segundo módulo ocorreu entre os meses de março a agosto de 2023 e englobou um período de docência compartilhada, planejamentos de aulas, reuniões semanais, participação em eventos acadêmicos. Neste relato, concentramo-nos neste segundo módulo, trazendo alguns momentos vivenciados e reflexões que se configuraram ao longo deste percurso.

Temos por objetivo, aqui, compartilhar e refletir acerca das relações entre universidade, escola e espaços culturais no processo de ensino-aprendizagem em artes visuais que ocorre no ensino fundamental, permeado pela presença do PRP na escola-campo. A fim de organizar o texto, trazemos, num primeiro momento, uma explanação sobre o PRP e a unidade de educação básica; em seguida, tecemos um relato que mostra um recorte das atuações das residentes em sala de aula; num terceiro momento, contemplamos as saídas de estudos desenvolvidas neste período e suas relações com as discussões teóricas que realizamos neste recorte temporal. Por fim, apresentamos algumas considerações sobre este período do desenvolvimento do PRP, com ênfase na ampliação do repertório e arte e em educação para todos os sujeitos envolvidos neste processo.

METODOLOGIA

A Universidade Estadual de Santa Catarina, junto à Escola de Educação Básica Porto do Rio Tavares e outras duas unidades de educação básicas também situadas na cidade de Florianópolis vêm desenvolvendo, em conjunto, o PRP tendo como ênfase a área de arte, sendo duas escolas-campo voltadas para as artes visuais e uma para as artes cênicas.

A Escola de Educação Básica Porto do Rio Tavares atende a cerca de quinhentos e vinte crianças e jovens, do primeiro ao nono ano do ensino fundamental, distribuídos em vinte turmas, sendo dez no período matutino e dez no período vespertino. Por sua localização ser próxima ao terminal de integração de transporte coletivo do sul da ilha, recebe estudantes de

diversos bairros da região, sobretudo dos bairros Rio Tavares e Campeche. A unidade escolar participou do segundo e terceiro editais do PRP (2020-2022 e 2022-2024), com intervalo de cerca de seis meses entre um e outro.

Desde 2014 a autora leciona na rede estadual de Santa Catarina, e a partir de 2016 está lotada nesta unidade escolar. A professora atuou em 2022 em dezesseis turmas, totalizando trinta e duas aulas semanais, que correspondem na rede estadual a quarenta horas, reservando-se oito horas para planejamento, avaliação e outras atividades docentes. No ano de 2023 a professora atua nas vinte turmas, totalizando quarenta aulas, sendo este aumento das oito aulas considerado na rede como aulas excedentes.

O PRP-UDESC-CAPES tem a Pedagogia Histórico-Crítica (PHC) (SAVIANI, 2013) como fio condutor dos estudos e ações desenvolvidas, de modo que o entendimento da escola como local de transmissão-assimilação de conhecimentos historicamente sistematizados seja uma constante nas discussões que o grupo vem construindo. A seguir, apresentamos um breve relato das ações desenvolvidas ao longo deste percurso.

As cinco residentes que atuam na escola são do curso de licenciatura em Artes Visuais da UDESC, e participaram dos dois módulos, acompanhando desde o período de observação ativa até os momentos de docência compartilhada, além das demais atividades desenvolvidas. Cada residente selecionou uma turma para atuação, sendo aqui citadas por letras, a fim de preservar suas identidades. Assim sendo, temos: residente A – com o segundo ano; residente B - com o terceiro ano; residente C - com o quinto ano; residente D - com o sexto ano; residente E – com o sétimo ano. Todas observaram as primeiras semanas de aula do ano letivo, enquanto desenvolviam suas propostas de aulas. Acordamos o desenvolvimento de um primeiro conjunto de aulas, com uma média de oito aulas, que poderiam se estender, de acordo com o andamento das aulas, para que em seguida dessem andamento às propostas a serem desenvolvidas.

Para a elaboração das propostas, consideramos as etapas da didática dentro da Pedagogia Histórico-Crítica (1. Partir da prática social; 2. Problematizá-la; 3. Instrumentalizar os estudantes; 4. Chegar à catarse; 5. Retornar à realidade social). Já no módulo anterior, durante o período de observação ativa, inúmeras foram as conversas sobre o tempo necessário para que este processo ocorra, que não é limitado ou padronizado para todas as ações, variando de acordo com cada proposta e a realidade em que se ocorre. Não obstante, estas etapas não são lineares, podendo seguir ordens diferentes, também se adequando da melhor forma ao contexto em que se desenvolve. Mencionamos, aqui, este primeiro momento de aulas desenvolvidas neste

módulo, sendo um dos desdobramentos deste recorte as saídas de estudos, que resultaram em reflexões complementares.

Considerando a ênfase em artistas locais presente no currículo da rede estadual de Santa Catarina para as turmas de anos iniciais do ensino fundamental, a proposta desenvolvida no segundo ano pela residente A voltou-se para a obra do artista catarinense Meyer Filho. As aulas envolveram o uso de diferentes linguagens, materiais e suportes, os espaços de produção e de apreciação das produções artísticas no campo da arte e no contexto escolar. A residente B desenvolveu com o terceiro ano um percurso que inseriu desde artistas locais, como Eli Heil, até artistas nacionais – como Regina Silveira e Beatriz Milhazes, abordando também uma variedade de linguagens, materiais e suportes, bem como de trabalhos coletivos/colaborativos. A residente C trabalhou com os quintos anos relações entre Hassis – artista local e inúmeros artistas de diferentes tempos e lugares, também abarcando os conteúdos anteriormente citados. A residente D desenvolveu com duas turmas do sexto ano aulas voltadas para a Op Arte, estabelecendo um caminho que partiu do bidimensional em direção ao tridimensional, do trabalho individual à produção coletiva/colaborativa. A residente E enfatizou a produção de gravuras por meio de diferentes técnicas, materiais e suportes, em diálogo com discussões acerca das violências nas escolas vivenciadas a nível nacional durante este ano.

Para além do que foi mencionado, muitos outros conteúdos e reflexões permearam as aulas, envolvendo questões como a função social do artista, os lugares da arte, as rupturas e retornos a determinados padrões de produção ao longo da história da arte. Durante a as aulas da residente E, houve uma saída de estudos para conhecer a oficina de Gravura da UDESC, com orientação da monitora do espaço, além de percorrermos também outras três oficinas durante a saída (de pintura, cerâmica e escultura). Ao constatarmos uma considerável ampliação de conhecimentos em artes visuais por parte da turma e dos profissionais de educação que acompanharam a saída, decidimos realizar saídas com outras turmas. Assim, as dez turmas do ensino fundamental II (do sexto ao nono ano) foram a UDESC neste semestre, e as turmas do quarto e quinto ano foram a espaços culturais visitar exposições de arte³. Utilizamos as observações e registros fotográficos para as discussões aqui apresentadas.

³ Os estudantes do primeiro ao quarto ano realizaram uma saída para assistir uma peça de teatro durante este período, e por isso não realizaram saída na área de artes visuais. Ainda que não seja nossa área direta de atuação, consideramos crucial promover aos alunos o acesso às diversas áreas das artes. Não exploraremos, contudo, esta saída neste texto.

REFERENCIAL TEÓRICO

Dentre as discussões realizadas neste módulo, está o entendimento de que a educação se situa como categoria de trabalho imaterial, por produzir ideias e conceitos, abarcando a produção, transmissão e assimilação de conhecimentos. Tal ação ocorre de modo em que o produto não se separa do seu produtor, na medida em que na aula acontecem a produção e a consumação do conhecimento (SAVIANI, 2013). Nesse sentido, a escola é o local em que ocorre a transmissão-assimilação dos saberes historicamente sistematizados dentro das ciências, da filosofia e das artes, o que possibilita a elaboração de novos saberes (GALVÃO, LAVOURA E MARTINS, 2019).

Em Arte, a formação do pensamento teórico nesse período do desenvolvimento depende da instrumentalização do estudante para recepcionar e atuar com os objetos artístico-estéticos. Isso ocorre não pela transmissão de conceitos isolados, senão na exposição de conhecimentos historicamente sistematizados a fim de favorecer generalizações, que ajudam no entendimento dos conceitos teóricos. A criança não aprende sozinha, depende das interações sociais para aprender e, na escola, aprende sobretudo com o adulto, que é o/a professor/a. Para isso, é necessário:

Apresentar problemas de aprendizagem que permitam à criança relacionar-se com os objetos estético-artísticos e suas significações, bem como organizar as tarefas de estudo de acordo com as necessidades e potencialidades do estudante, criando condições para que gradualmente ocorra a catarse que, provavelmente, culminará na assimilação de novos modos de ação na realidade com os objetos estético-artísticos, isto é, novos modos de ação a partir do domínio da linguagem estético-artística, seus signos e demais instrumentos. (SILVA, ASBHAR, 2023, p. 146)

Bem nos lembram Lavoura e Galvão (2021) de que os processos de ensino e aprendizagem estão entrelaçados, de modo que, se não houve aprendizagem, não houve ensino, e vice-versa. Numa perspectiva dialética, é possível ampliar este entendimento inserindo o desenvolvimento, que requer além da apropriação dos conhecimentos trabalhados, também a elaboração de novos conceitos, ideias, saberes. Ampliamos, assim, a tríade ensino-aprendizagem para ensino-aprendizagem-desenvolvimento.

A todo momento, estas reflexões e questionamentos acompanham o desenvolvimento das atividades, de modo que constantemente estejamos discutindo se conseguimos, com o andamento das aulas, atingir nossos objetivos, e repensemos, em conjunto, o exercício da docência. Haja vista que este movimento de rever a atuação docente também faz parte das reflexões oriundas da abordagem pedagógica em que nos embasamos, consideramos crucial

este momento de avaliação/autoavaliação, relatos, questionamentos e conclusões coletivas no decorrer do Programa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando as observações e registros das atividades desenvolvidas neste recorte temporal, reiteramos que a ampliação de repertório, bem como o desenvolvimento do processo criador e das reflexões no campo das artes visuais demandam diferentes estratégias de preparação e apresentação dos conteúdos para que os estudantes consigam apreender os temas abordados, sendo que estas estratégias levam em consideração aspectos específicos do campo das artes visuais. Um questionamento constante que fazemos, como coletivo, é: “Se eu, professora de arte, não trabalhar este conteúdo com meus estudantes, que outro professor da escola o fará?”. Ainda que seja possível perceber tal processo de aquisição de conhecimentos, há uma distância entre o que se objetiva no processo de ensino-aprendizagem e os resultados concretos obtidos, sobretudo em função das condições de trabalho – falta de espaço físico, materiais, tempo curto das aulas, poucos recursos para realizar as saídas de estudos.

Reforçamos em nossas discussões as nuances do tempo necessário para o desenvolvimento de cada proposta, visando percorrer as etapas da didática da Pedagogia Histórico-Crítica, que envolve, conforme mencionamos anteriormente: partir da prática social; problematizá-la; instrumentalizar os estudantes por meio de ações didático-pedagógicas; alcançar a catarse e as novas formas de percepção sobre a prática social; e retornar à prática social, trazendo consigo essa percepção ampliada sobre ela (LAVOURA e GALVÃO, 2021). Algumas das propostas das residentes ultrapassaram o planejamento inicial de oito aulas e se estenderam ao longo do semestre, com seus respectivos desdobramentos. Outras consideraram encerradas algumas discussões e se voltaram para outros recortes de conteúdos, relacionando-os, ainda assim, com as atividades anteriores.

A seguir é possível alguns dos registros das aulas do segundo módulo:



Figuras 1 e 2: Alunos do segundo ano matutino realizando: 1) desenhos cronometrados na escada, para estabelecer relações com os desenhos rapidíssimo de Meyer Filho, feitos em intervalos de seu trabalho, no verso de folhas com outras anotações; 2) Colagens de paisagens com elementos naturais, também em diálogo com as paisagens do artista.



Figuras 3 e 4: O terceiro ano vespertino, junto de uma das residentes, estudou sobre as projeções da sombra, bem como sobre as possibilidades de ocupar espaços e de repensar os usos dos objetos do cotidiano por meio da obra de Regina Silveira. Fonte: Arquivo da autora.



Figuras 5 e 6: O quinto ano, junto de uma das residentes, estudou sobre as obras de Yayoi Kusama e Tercília dos Santos, transitando entre imagens figurativas e abstratas, percebendo a construção das imagens por meio dos seus elementos constitutivos. Reflexões sobre o suporte, a materialidade e suas relações com a representação do real permearam as discussões nas aulas. Fonte: Arquivo da autora.



Figuras 7 e 8: O sétimo ano matutino foi conhecer a oficina de gravura do curso de Artes Visuais da UDESC, após algumas aulas estudando a gravura e suas relações com a reprodutibilidade das imagens. O encontro teve a mediação da monitora da oficina, e o acompanhamento de uma das residentes, que desenvolveu as aulas e propôs a saída, junto da professora de arte. O grupo viu também as oficinas de cerâmica, escultura e pintura. Fonte: Arquivo da autora.

Ficou perceptível a diferença no envolvimento dos estudantes com as aulas de arte na medida em que tiveram a oportunidade de visitar as oficinas de artes visuais na universidade, ou de conhecer as obras e espaços culturais pela cidade. As visitas foram oportunidades de os estudantes reconhecerem algumas das discussões feitas em sala de aula, de modo a facilitar a consolidação de novos saberes, bem como de valorizar as ações desenvolvidas no âmbito escolar, por se perceberem detentores de determinados conhecimentos quando frequentaram os respectivos espaços.

A troca de conhecimentos e aquisição de novos saberes por parte de todos os envolvidos neste percurso reforçou a necessidade de ampliação de repertório artístico e cultural nas escolas, por meio do componente curricular arte, e o PRP contribui com a consolidação de um ambiente em que ensino, pesquisa e extensão universitárias adentram a educação básica. Constatamos por meio das saídas de estudos que a apropriação dos conhecimentos historicamente sistematizados também ocorre para os sujeitos pertencentes a estes outros espaços de educação e cultura na medida em que interagem com os estudantes da educação básica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste relato, abordamos de forma breve em que contexto se desenvolveu o segundo módulo do edital n. 24/2022 do PRP – CAPES junto a UDESC e a Escola de Educação Básica Porto do Rio Tavares. Estabelecemos como recorte para esta discussão a ênfase nas primeiras aulas da docência compartilhada entre as residentes e a professora preceptora, bem como as saídas de estudos e a consequente interação entre estudantes do ensino fundamental com outros espaços de educação e cultura, especificamente, da universidade e dos espaços culturais visitados.

Inferimos que o PRP aproxima o ensino superior e a educação básica, e que essa relação pode ser aprofundada quando tal interação ultrapassa o contato com as licenciandas e atinge a outros sujeitos que fazem parte do processo de construção e transmissão-aquisição de conhecimentos na área das artes visuais.

A presença das residentes na escola-campo viabiliza tal estreitamento de relações entre as instituições. Por meio do PRP e das ações coletivas desenvolvidas na unidade, questões sobre o trabalho docente em arte ganham visibilidade na medida em que há diversas pessoas atuando na organização e aplicação das aulas, frisando as condições necessárias para a consolidação de um trabalho adequado, além de que, com os relatos das residentes e os eventos dos quais participamos, tais discussões adentram o cenário acadêmico.

Seguimos com nossas reflexões sobre como tornar mais aprimorado o processo de ensino-aprendizagem-desenvolvimento nas aulas de arte, e almejamos que a atuação das instituições de ensino superior nas unidades de educação básica seja intensificada e contribua com avanços no ensino de arte nas escolas.

REFERÊNCIAS

LAVOURA, T. N., GALVÃO, A. C. Fundamentos da didática histórico-crítica: superando limites e reolocando desafios. IN: GALVÃO, A. C., SANTOS JÚNIOR, C. de L., COSTA, L. Q., LAVOURA, T. N. **Pedagogia Histórico-Crítica: 40 anos de luta por escola e democracia.** – Campinas, SP: Autores Associados, 2021.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico – Crítica: primeiras aproximações.** Campinas, SP: autores associados, 2013.

GALVÃO, A. C., LAVOURA, T. N., MARTINS, L. M. **Fundamentos da didática histórico-crítica.** SP: Autores Associados, 2019.

SILVA, Karina Lima da; ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira. Arte na escola: contribuições à formação da atividade de estudo no início do ensino fundamental. In: Marilda Gonçalves Dias Facci, Nilza Sanches Tessaro Leonardo, Adriana de Fátima Franco (Organizadoras). **Implicações da periodização do desenvolvimento humano para a prática pedagógica: em destaque a Psicologia Histórico Cultural.** Paranaíba: EduFatecie, 2023.